

## **Ansiedade e angústia na transferência de estudantes para o curso de psicologia: análise fenomenológica e rogeriana**

### **Anxiety and anguish in students transferring to the psychology course: phenomenological and Rogerian analysis**

### **Ansiedad y angustia en el traslado de estudiantes a lo curso de psicología: análisis fenomenológica y rogeriana**

Virgilio Soares Luna Coelho<sup>1</sup>  
Paulo Coelho Castelo Branco<sup>2</sup>

**Resumo:** Este estudo objetivou compreender os significados de experiências de ansiedade e angústia em estudantes transferidos para o curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará. Em um delineamento qualitativo e descritivo de pesquisa, empregou-se um roteiro semiestruturado de entrevista seguido de uma análise fenomenológica empírica com quatro pessoas. Elencaram-se três eixos temáticos discutidos a partir da Psicologia Humanista de Carl Rogers: experiências de tensão e valoração advindas da transferência; relações interpessoais oriundas da transferência; autocobrança e cultura de produtivismo. Concluiu-se que os sentimentos de ansiedade e angústia nas pessoas transferidas estão relacionados às percepções e experiências acerca da instituição almejada, à comparação com suas experiências em instituições progressas, à antecipação de autorrealização e às atitudes transferenciais ao contexto formativo.

**Palavras-chave:** Angústia. Ansiedade. Carl Rogers. Fenomenologia. Psicologia Humanista.

**Abstract:** This study intended to comprehend the meanings of anxiety and anguish experiences in students transferred to the Psychology course at the Federal University of Ceará. In a qualitative and descriptive research design, a semi-structured interview script was used followed by an empirical phenomenological analysis with four people. The following thematical axes were discussed based on Carl Roger's Humanistic Psychology: tension and evaluation resulting from transference; interpersonal relationships originated from transference; self-demands and productivity culture. It was concluded that anxiety and anguish feelings in transferred students are related to perceptions and experiences with the wished institution, comparisons with previous institutional experiences, anticipated self-realization and transference attitudes to the formation context.

**Keywords:** Anguish. Anxiety. Carl Rogers. Phenomenology. Humanistic Psychology.

<sup>1</sup> Graduando em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará. ORCID: 0009-0003-7106-9881. E-mail: virgilioluna12@alu.ufc.br

<sup>2</sup> Doutor em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Docente do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Ceará. ORCID: 0000-0003-4071-3411. E-mail: paulocbranco@gmail.com

**Resumen:** Esta investigación tuvo como objetivo comprender los significados de las experiencias de ansiedad y angustia en estudiantes transferidos a lo curso de Psicología de la Universidad Federal de Ceará. En un diseño de investigación cualitativo-descriptivo, se utilizó un guion de entrevista semiestructurada seguido de un análisis fenomenológico-empírico con cuatro personas. Se enumeraron tres ejes temáticos, discutidos a partir de la Psicología Humanista de Rogers: experiencias de tensión y valoración originadas de la transferencia; relaciones interpersonales derivadas de la transferencia; autoexigencia y cultura del productivismo. Los sentimientos de ansiedad y angustia en las personas trasladadas están relacionados con experiencias sobre la institución deseada, comparación con sus experiencias en instituciones anteriores, anticipación de la autorrealización y actitudes de transferencia al contexto formativo.

**Palabras-clave:** Angustia. Ansiedad. Carl Rogers. Fenomenología. Psicología Humanista.

Submetido 20/08/2024

Aceito 19/11/2024

Publicado 07/01/2025

### Considerações iniciais

No âmbito de estudos sobre a formação do psicólogo no Brasil, diversas investigações são empreendidas para examinar os variados aspectos que estruturam e afetam esse fenômeno formativo (Prates *et al.*, 2019). Nesse sentido, as percepções dos estudantes de Psicologia acerca do seu curso e dos seus elementos sociais e institucionais são fontes valiosas para compreender as peculiaridades envolvidas nesse fenômeno (Santana; Sousa; Ribeiro, 2022).

Com procedência nesse âmbito, aponta-se uma tendência de estudos, ainda incipientes no contexto brasileiro, sobre os fatores que levam à evasão de estudantes no curso de Psicologia, indicando-se (Campos; Bardagi, 2020): frustração ante as expectativas não correspondidas; pouco conhecimento, dúvidas e decepção com a carreira profissional; dificuldades financeiras para se manter no curso; dificuldades de conciliar a vida acadêmica com outros compromissos; aspectos institucionais; e, sobretudo, motivos de ordem pessoal. Ainda nessa seara, pesquisas sobre evasão e persistência no curso de Psicologia, de um modo geral, carecem de aprofundamento teórico (Castro; Teixeira, 2014)

No que concerne à mencionada ordem pessoal, entende-se que o ingresso e a permanência na universidade são permeados por fatores ansiogênicos e estressantes que concernem à adaptação acadêmica. Assim, há expectativas em relação ao curso de Psicologia em seu contexto formativo que requerem compreensão e intervenção, pois o sofrimento advindo dos elementos tensionais ansiogênicos, circunscritos à vida acadêmica, ensejam desestímulo com a formação e evasão acadêmica (Soares *et al.*, 2023; Brum; Teixeira, 2020).

É desse breve panorama que se situa um fenômeno pouco explorado empiricamente e aprofundado teoricamente, porém bastante comum nos cursos de graduação em Psicologia, a saber: os aspectos psicológicos relacionados às experiências de ansiedade e angústia ocasionadas pela transferência do curso de Psicologia de uma Instituição de Ensino Superior (IES) para outra. Assim, fundamentado em um referencial humanista baseado em Carl Rogers, objetiva-se compreender os significados que presentes nas experiências de ansiedade e angústia ocasionadas pela transferência para o curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC).

Em termos operacionais, indica-se que a ansiedade e angústia são manifestações da experiência caracterizadas como uma tensão ocasionada por uma situação-problema, que evoca uma reação a algo que ameaça a organização da personalidade, desdobrando-se em variados

modos de defesa, como interceptação da experiência, distorção simbólica e rigidez perceptual. Esse fenômeno é passível de ser vivenciado em termos de uma tensão pontual, vinculada a uma situação transitória, ou experienciada de maneira mais psicopatológica dependendo da sua frequência e intensidade (Rogers, 1977, 1992, 2020).

A angústia, ou ansiedade (dependendo de como Rogers nomeia esse fenômeno ao longo de seus textos clínicos), remete a um estado de mal-estar em que a pessoa não consegue discriminar direta e imediatamente os seus elementos de sentido e significado, pois constitui uma experiência atrelada a um estado de consciência latente. Isso dificulta que a pessoa se volte para o que sente e simbolize/signifique isso, porque há um modo de defesa que a afasta do que está se passando com ela. Logo, a angústia se manifesta como uma reação subceptiva do organismo a algo que lhe ameaça (Rogers, 1977, 2020).

Destarte, ambos os fenômenos compõem o estado de incongruência, ou desacordo interno, e são motivos de tensão e sofrimento psicológico, pressupondo-se, com suporte nisso, uma fonte de sofrimento que comparece na transferência para um curso de Psicologia de uma IES para outra.

## Metodologia

Esta pesquisa seguiu um delineamento qualitativo e descritivo que parte de uma visão humanista e fenomenológica para compreender determinados fenômenos em profundidade (Minayo, 2021). Segundo o pensamento rogeriano:

Vejo a pesquisa e a teoria como um esforço constante e disciplinado [...]. Este esforço se justifica pela satisfação pessoal decorrente de uma compreensão ordenada dos fenômenos que nos rodeiam; além do mais, a integração de um novo segmento da experiência a uma teoria apresenta a vantagem imediata de ampliar as expectativas de investigação (Rogers, 1977, p. 149).

Considera-se, pois, que as experiências de ansiedade e angústia devem ser compreendidas como fenômenos respeitantes à pessoa e ao que se passa em sua consciência em relação ao fluxo de experiências relacionadas à transferência de uma instituição para outra.

Nesse sentido, ressalta-se que o curso de Psicologia da UFC, em Fortaleza, foi criado em 1981 e funciona em um Departamento sediado no Centro de Humanidades. Nele há cerca de trinta professores efetivos, um programa de pós-graduação (Mestrado e Doutorado) e

diversos núcleos e laboratórios de pesquisa e extensão que funcionam à tarde, enquanto a estrutura de ensino ocorre no turno matutino, para as disciplinas obrigatórias, e vespertino, para as optativas. Assim, o curso de Psicologia é constituído por centenas de alunos distribuídos entre ingressantes, transferidos e concludentes (Universidade Federal do Ceará, 2024).

Ressalta-se que esta pesquisa seguiu os parâmetros e itens que regem o Conselho Nacional de Saúde (CNS), o qual regulamenta a pesquisa em seres humanos, especialmente, consoante as Normas e Resoluções CNS 466/12 e 510/16. Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CAAE N°75275123.8.0000.5054 e parecer N° 6.572.429).

Em continuidade, participaram deste estudo estudantes do curso de Psicologia da UFC transferidos de outras IES. Os critérios de inclusão foram os seguintes: ser um estudante transferido; ter matrícula na UFC; estar vinculado ao curso de Psicologia no momento da pesquisa; declarar sua anuência ao estudo após ciência do Termo de Consentimento e demais informações sobre a pesquisa. Foi realizada uma divulgação da pesquisa nas salas de aula do curso de Psicologia da UFC. As pessoas interessadas em participar preencheram um questionário sociodemográfico (com itens relacionados a idade, gênero, orientação sexual, identidade étnico-racial e portabilidade de deficiência). Somente quatro pessoas transferidas de outras IES se dispuseram a participar da pesquisa por critérios de conveniência e intencionalidade (Mattar; Ramos, 2021). Elas se identificaram com os seguintes demarcadores: três heterossexuais e uma bissexual; duas com a identidade de gênero feminina e uma com a masculina; duas pessoas brancas, uma preta e uma parda; três foram transferidas de IES privadas e uma de IES pública estadual; a faixa etária variou de 19 a 26 anos.

O desenho do método fenomenológico empírico, elaborado por Amadeo Giorgi (2008) e organizado por Castelo Branco (2014), foi usado como um meio para atingir uma possível compreensão de experiências de ansiedade e angústia na transferência para o curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC) em Fortaleza. Em seguida, descrevem-se as fases procedidas conforme as cinco etapas do desenho metodológico: 1) suspensão fenomenológica; 2) entrevista; 3) transcrição e leitura geral; 4) mapeamento de unidades de significação; 5) elaboração de eixos de significação.

A suspensão fenomenológica das experiências pessoais e teóricas dos pesquisadores foi o primeiro passo para se chegar à compreensão das experiências em foco. A pressuposição da pesquisa e as teorias que a fundamentaram foram retiradas de ação para garantir a livre

manifestação do fenômeno investigado nas reflexões e relatos das pessoas selecionadas (Castelo Branco, 2014).

Em campo, foi entregue um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para cada entrevistado(a). Após assinatura, foi empregado um roteiro semiestruturado de entrevista com perguntas direcionadas a acessar experiências relacionadas aos fenômenos da ansiedade e angústia de modo a provocar direcionamentos da consciência do(a) entrevistado(a) sobre isso. As seguintes perguntas foram feitas: 1) você me falaria sobre a sua relação com a Universidade? 2) Em sua percepção, quais fatores causam ansiedade e angústia no âmbito da Universidade? 3) Você já se percebeu tenso(a) em razão de alguma situação que lhe gerou ansiedade ou angústia na universidade? Se sim, poderia exemplificar sobre isso? 4) Isso afeta a sua rotina acadêmica e pessoal? Como? 5) Como lida com o seu estado de ansiedade e/ou angústia? 6) Você quer falar mais alguma coisa sobre isso?

É importante frisar que as entrevistas foram conduzidas em dia, hora e local previamente agendados, a partir da disponibilidade dos discentes pesquisados.

As entrevistas foram transcritas. Posteriormente, procedeu-se a uma leitura geral, em que foi elaborada uma síntese do que foi percebido e evidenciado por parte dos pesquisadores, considerando-se que o fenômeno da ansiedade/angústia advinda da transferência interinstitucional denota fatores psicológicos que se relacionam, intimamente, com a personalidade das pessoas entrevistadas, assim como é perpassado por questões contextuais e institucionais.

Após isso, retornou-se ao material transcrito, explorando-o com esteio na especificação de suas partes temáticas e evidenciando suas unidades de significação (US). Essa etapa localizou e refinou os direcionamentos da consciência dos entrevistados sobre a experiência em tela, para se obter descrições de fluxos de significados. Cada alteração de US é passível de ser entendida como uma mudança de assunto ou tema desenvolvido pelo entrevistado. Uma vez constituídas, as US foram examinadas à luz da técnica da variação livre e imaginária para buscar elementos de significação semelhantes (essenciais) entre as pessoas entrevistadas. Em suma, essa técnica consiste em reexaminar todas as US de modo a identificar as significações comuns e transversais entre as falas transcritas, a fim de, depois, obter um suporte para a etapa seguinte de categorização (Castelo Branco, 2024).

Assumi-se, finalmente, um posicionamento que traz à tona tudo o que foi suspenso fenomenologicamente de modo a produzir eixos de significação que descrevem e refletem a experiência investigada. Cada eixo é entendível como uma dimensão qualitativa do fenômeno abordado pela pesquisa (ansiedade e angústia na transferência para o curso de Psicologia). Neste ponto, foram elaboradas discussões condizentes à Psicologia Humanista de Rogers (1972, 1977, 1992, 2020), para fundamentar o que foi observado em relação à experiência estudada e comunicá-la à comunidade científica.

### **Análise dos dados e resultados**

Com esteio nas unidades de significação (US) apreendidas nas transcrições das falas das quatro pessoas (P) transferidas, erigiram-se os seguintes eixos temáticos: 1) experiências de tensão e valoração advindas da transferência; 2) relações interpessoais oriundas da transferência; 3) autocobrança e cultura de produtivismo. Discutem-se eles a seguir.

### **Experiências de tensão e valoração advindas da transferência**

Ressalta-se que os estudantes transferidos estabelecem relações afetivas com a instituição para onde se transferem. Essas são compostas por percepções que caracterizam o ambiente universitário como propício para a realização de projetos pessoais e para uma formação de qualidade, que possibilite aos diplomados uma ascensão profissional. Tais percepções fundamentam a decisão de se transferir de uma instituição para outra, como denotado neste trecho:

E assim eu acho que a UFC tem muito mais oportunidades diante da UECE, que é um pouco mais escassa de... financiamento, por parte do Estado, não tem tantos professores efetivos. Teve até um concurso recente, mas na minha época não tinha e a maioria era os professores substitutos. Eu queria tentar algo com, na minha visão, um pouco mais de sabor, de oportunidade, digamos (P2: US5).

Aponta-se que este fenômeno é relacionado ao conceito rogeriano de autorrealização. Este é expresso por uma teleologia de que todo organismo vivo intenta se preservar, desenvolver-se e atualizar-se, de modo a lutar para concretizar suas potencialidades no ambiente, mesmo ante suas adversidades (Rogers, 1992). A transferência é uma ação do



indivíduo, guiado pelo seu conceito de *self* ou por sua experiência organísmica, cuja meta está na realização de seus potenciais. Desse modo, a comparação entre instituições em termos de oportunidades e financiamento, a qualidade do processo formativo e a empregabilidade resultante são fatores que constituem a simbolização, conjunto de percepções e valores, atribuídos à instituição de ensino, configurando-se como um valor concebido, isto é, a predileção por um objeto simbolizado com amparo na antecipação das consequências advindas de um comportamento a ele dirigido, qual seja, a autorrealização (Rogers, 1977).

Cumprido destacar que estes valores não advêm somente do *locus* de avaliação interno, centro avaliativo de experiências próprio do indivíduo, pois podem ser compostos por valorações de outros sociais significativos introjetadas pelo sujeito. Essa adesão de valores é explicada por Rogers (1977) a partir da necessidade humana de afeto e valoração de suas experiências pelos outros, isto é, pela necessidade de consideração positiva. Nesse viés, as simbolizações das experiências organísmicas são mediadas pela consideração condicional de outros sociais significativos, suscetíveis de ser distorcidas ou interceptadas pelas reações à ameaça ao conceito de *self*, implicando estado de incongruência entre o conceito de *self* e a experiência organísmica total, cujo desenvolvimento está na vulnerabilidade e na ansiedade (Rogers, 1977, 2020).

Com base nisso, desde a gênese de condições de valor, a preferência por objetos simbolizados assenta na satisfação da necessidade de consideração positiva de si por meio de valores concebidos. Portanto, a predileção por uma instituição em detrimento de outra, também, é capaz de estar relacionada às valorações de outros aspectos sociais significativos, conforme ilustra o seguinte trecho da pessoa 1: “[...] a única coisa que eu tinha em mente é: ‘eu quero ir pra UFC, porque é a Federal’ e... quando você é de uma Escola Pública de Ensino Integral no interior, isso é o ápice da sua possibilidade de ensino” (P1: US7).

Ao adentrar, porém, na universidade almejada, há experiências que contradizem sua valoração como espaço propício para a autorrealização do organismo ou do conceito de *self*. Essas são simbolizadas adequadamente à consciência ou deformadas e interceptadas por via de reações à ameaça aos valores e percepções que compõem o conceito de *self*, ocasionando percepções rígidas, que não variam conforme a experiência corrente (Rogers, 1977). Desse modo, nas falas das pessoas entrevistadas, é notório que a burocracia da instituição pública de



ensino superior, por exemplo, figura entre as experiências contrárias à autorrealização, conforme se destaca o trecho a seguir:

[...] há uma questão relativa à burocracia, à papelada, ao problema de aproveitamento de disciplinas. Onde eu estudava era um negócio muito simples, você basicamente ia na secretaria, falava o que você queria e eles resolviam para você, era vapt-vupt. Aqui não, você tem que mandar e-mail, às vezes não dá certo, aí envia documento escaneado, faz declaração e tal, então... isso aí é bem mais burocrático (P1: US5).

Percebe-se que a P1 estabelece uma comparação entre os funcionamentos administrativos de sua instituição de origem e da UFC, simbolizando sua experiência corrente em comparação com a progressiva. Com assento nessa ideia, simboliza-se conscientemente a existência de fatores negativos na instituição apesar de sua valoração como local de oportunidades e autorrealização, o que indica uma percepção discriminativa do sujeito em conformidade com sua experiência organísmica, denotando uma contradição valorativa (Rogers, 1977). Assim, há valorações que estão em incongruência com as experiências das pessoas transferidas, os quais, pela subcepção de uma ameaça ao seu conceito de *self*, vivenciam um estado de ansiedade (Rogers, 1992). Isso é exemplificado pela P4, que, durante o período de matrícula, vivencia tal estado psicológico de ansiedade, pois há uma subcepção de uma ameaça à autorrealização das percepções e valorações do *self*:

Na verdade, até hoje esse período de matrícula pra mim é algo que me deixa bastante ansiosa e angustiada. É um processo meio complicado porque algumas disciplinas, algumas não, várias disciplinas, ainda hoje três semestres depois, são indeferidas. E aí quando abre o período de matrícula e eu vou ver, eu só tenho duas ou três disciplinas e fico dependendo da matrícula irrestrita. E aí se chegar na matrícula irrestrita<sup>3</sup> e não tiver mais vaga, como é que vai ser o meu semestre? (P3: US6).

Assim, as pessoas transferidas, por advirem de outras instituições, possuem um conjunto de experiências progressivas que fundamentam comparações institucionais e posicionam

---

<sup>3</sup> Na UFC, a expressão “matrícula irrestrita” alude a um mecanismo institucional em que os coordenadores do curso têm autonomia para solucionar solicitações de matrícula em casos considerados excepcionais (como alunos em pré-jubilamento, transferência e ordem judicial, por exemplo). Sem esse mecanismo, os estudantes transferidos não conseguiriam vagas em muitas disciplinas ofertadas em etapas anteriores à matrícula, em razão de não possuírem índice de rendimento acadêmico suficiente.

valorativamente a instituição de ensino almejada como mais autorrealizadora, sendo tal valoração advinda da simbolização adequada de experiências próprias ou de valores concebidos por outros aspectos socialmente significativos ao sujeito. Deste modo, há experiências de ansiedade orientadas à contradição destas percepções e valorações e da autorrealização organísmica e do conceito de *self*.

### **Relações interpessoais oriundas da transferência**

Ao adentrarem a instituição almejada, notou-se que as pessoas transferidas se afastaram daquelas da instituição de origem com as quais mantinham relações interpessoais. Soma-se ao que foi discutido no eixo anterior uma necessidade de procura pelo estabelecimento de relações interpessoais significativas na nova instituição. Sobretudo, com o ímpeto de relações em que os transferidos compartilhem de sentidos e significados advindos de sua experiência universitária. Exemplifica-se isso com a seguinte reprodução de fala:

Eu acho que eu já estava muito acostumada com as minhas amigas da outra faculdade. Então, o primeiro ponto que sempre me ocorre é que... eu fiquei triste porque eu tinha que me separar delas. Eu perdi um certo amparo emocional que tinha, porque havia pessoas com quem compartilhar a experiência da universidade, e eu perdi isso na transferência (P1: US6).

Nesse sentido, as relações sociais dos transferidos com outros discentes, professores e servidores técnico-administrativos figuraram como elementos para a permanência estudantil na instituição, como ressaltado pela P2:

[...] criar vínculos me ajudou muito emocionalmente. Ter pessoas com quem eu pudesse conversar sobre 'poxa eu estou me sentindo muito... sozinha, muito excluída'. E a outra pessoa acolhesse esse meu sentimento, tipo: 'ah, realmente, eu também me sinto assim'. Eu encontrei pessoas assim, sabe? Fez uma diferença gigantesca, porque, se eu não tivesse ninguém até hoje, não sei se eu conseguiria permanecer no espaço da universidade (P2: US9).

Isso denota que as atitudes de transferência direcionadas à instituição bem como as experiências nela vividas são compartilhadas por meio de comunicações com outras pessoas sociais significativas. Para a teoria rogeriana da personalidade e do comportamento, a possibilidade de comunicação está na disponibilidade e intenção mútua de contato psicológico

entre indivíduos. Tal contato é definido como a percepção ou subcepção mútua da presença de um outro no campo fenomenológico, sendo este o fundamento de qualquer relação interpessoal, pois se assenta no conjunto de retenções de experiências e simbolizações delas, configurando impressões acerca de si e do outro (Rogers, 1992). Portanto, a convivência com os membros da instituição promove contato psicológico com os estudantes transferidos, os quais são suscetíveis de estabelecer relações interpessoais realizadoras ou deterioradoras no meio universitário, sendo separadas por pretextos explicativos, mas componentes de um *continuum* de inter-relacionamento.

No que é pertinente às relações interpessoais realizadoras, entende-se que o compartilhamento de percepções acerca da universidade se sustenta na consideração positiva de outros, que empatizam com tais experiências. Isso atina para a aproximação com o campo fenomenológico do outro por meio da inferência empática, a qual é definida por Rogers (1977) como a capacidade de experienciar as experiências alheias como próprias, em seus aspectos subjetivos. Portanto, o compartilhamento de experiências com outras pessoas socialmente significativas, quando bem-sucedido, resulta em relações interpessoais empáticas, em que ambas tensionam compreender o ponto de vista alheio, havendo consideração positiva e realização mútua.

As relações interpessoais, no entanto, são passíveis de ser orientadas para uma deterioração. Essa possibilidade de inter-relacionamento destrutivo está embasada na incongruência das pessoas em contato psicológico, em relação à experiência acerca do tema da conversação, à sua simbolização ou à sua comunicação por meio de comportamentos verbais ou motores (Rogers, 1977). Desde daí, se distingue uma relação na qual as experiências são inadequadamente simbolizadas e comunicadas de modo incongruente com a avaliação organísmica, denominável como sofrimento psicológico; e uma relação na qual a experiência é adequadamente simbolizada, mas sua comunicação é incongruente, ao que se denomina engano. Desse modo, experiências de isolamento ou de pouca receptividade da instituição e seus membros também foram relatadas pelas pessoas transferidas, como exemplificado no seguinte extrato:

Eu não senti uma recepção tão boa de algumas turmas, porque eu sou um estudante fatorial [dessemestralizado]. Não foi uma recepção tão boa mesmo quando eu procurava alguém para debater algo. Foi um momento assim em

que eu fiquei: ‘poxa, não tô sentindo tanta abertura das pessoas’. Tipo, teve alguma turma que eu senti mais abertura e... consegui arranjar pessoas bacanas, pelo menos em um coleguismo; mas teve outra turma em que eu me percebi muito aflita. E aí, como demorou para ter as provas, eu não senti logo de início essa aflição. Então... foi mais de início essa questão da falta de amizades. Foi uma barra e me senti... perdida num local [...] em que as turmas já tinham grupinhos formados. Aí é muito mais complicado quando isso acontece (P2: US7).

Nesse sentido, ao serem incapazes, pelas condições ambientais e interrelacionais, de comunicar suas experiências e tê-las apreciadas por outras pessoas sociais significativas, as transferidas vivenciam um estado de ansiedade, porquanto as percepções do ambiente universitário como de autorrealização encontram contradições na vivência de isolamento ou desamparo institucional, o que frustra a autorrealização das percepções do *self* e a necessidade de consideração positiva. Assim, a pouca receptividade por parte dos membros da instituição de ensino sustenta relações interpessoais incongruentes, nas quais a intercepção e deformação da experiência orgânica distanciam as percepções e valorações do conceito de *self* de seu *locus* experiencial, aproximando-o de um estado de sofrimento psicológico (Rogers, 1977, 1992). Isso é expresso neste fragmento:

[...] é que ser transferida, pelo que eu passei, é ser um peixe jogado no meio do oceano. Assim, você se sente super perdido. E... eu não sei o que vocês vão abordar na pesquisa, mas eu queria só mesmo enfatizar é que a universidade, falando de forma geral, poderia dar um foco legal para os transferidos que, às vezes, tão muito perdidos. Eu tento ajudar o pessoal transferido, e eles ficam: ‘meu Deus o que é que eu tô fazendo aqui?’ (P2: US15).

A partir disso, compreende-se que as relações interpessoais nas instituições almeçadas pelas pessoas transferidas são vivenciadas em uma continuidade de realização e deterioração, conforme a presença ou ausência da congruência, da consideração positiva e da empatia. Logo, estes estudantes são suscetíveis de encontrar dificuldades no estabelecimento de vínculos com outros elementos sociais significativos em razão do desamparo institucional e da ausência de uma turma fixa, já que o aproveitamento das disciplinas raramente é completo, implicando participação em turmas diversas. Disso, geralmente, decorre um estado de desacordo psicológico ou de engano na comunicação, que se sustenta na incongruência entre pessoas em contato psicológico (Rogers, 1977). Em contrapartida, o sujeito é passível de encontrar outros

que empatizem e considerem positivamente sua experiência, além de redirecionar seus comportamentos de acordo com os próprios valores, distanciando-se do *locus* de avaliação externo.

### **Autocobrança e cultura de produtivismo**

Salienta-se, com base nos relatos apreendidos, a existência de um padrão de performance acadêmica de excelência almejado e exigido dos estudantes, culminando em sentimentos de ansiedade. Isso é exemplificado por este excerto:

Eu acho que a gente tem uma cobrança por uma produtividade bem pancada. Então meu primeiro fator [de ansiedade ou angústia no contexto universitário], com certeza, é realmente essa questão de entregar trabalho, fazer prova, fazer, é... ler um monte de texto para poder dar conta de entender a aula. E é isso, tipo: 'você é por você'. Aqui o professor não vai debulhar perfeitamente o assunto, mastigar e cuspir na sua boca, você tem que aprender (P1: US9).

Nessa direção, nota-se que o produtivismo é um dos componentes do fenômeno do padrão de performance acadêmica. Esse é sustentado por um afastamento dos docentes em relação ao aprendizado dos estudantes, pois é necessário que o último leia e compreenda as bibliografias das disciplinas de maneira independente, sendo reservada ao professor a tarefa avaliativa. Durante a entrevista, a P1 relatou:

A minha forma de aprender o conteúdo é indo lá e pegando o negócio, lendo, aprendendo e ouvindo a aula, que às vezes não é tão explicativa. É mais, tipo, um aprofundamento do texto do que uma explicação do texto. Isso é bem diferente de onde eu estudava. Essa questão de ter que ir lá e eu mesma tirar o conteúdo do grosso que me foi fornecido pelos professores é uma questão (P1: US21).

Isso indica que não há suporte adequado, na instituição de ensino almejada, para a compreensão e leitura de literatura científica. Com base nisso, as dificuldades de aprendizado dos estudantes se tornam problemáticas individuais que devem ser resolvidas independentemente, sustentando um ambiente produtivista e individualista no qual as relações interpessoais docentes-discentes, relativas ao aprendizado, não são empaticamente estabelecidas. Nesse afã, a experiência de dificuldade de aprendizado não é comunicada pelos discentes ou não é considerada positivamente pelos docentes, o que as aprofunda e estabelece

incongruência entre experiência, percepção e comunicação (Rogers, 1977). Desse modo, o produtivismo individualista para boa performance acadêmica orienta comportamentos de todos os membros da instituição, o que atina para uma dimensão comum da experiência na UFC.

Para entender melhor o fenômeno do produtivismo individualista, utiliza-se o conceito de pressuposto implícito cunhado por Rogers (1972), com base em sua experiência docente em departamentos de Psicologia estadunidenses. Segundo esse autor, existem princípios operacionais que funcionam como pressupostos orientadores do comportamento de membros das instituições, incluindo gestores, docentes e discentes. Esses princípios podem ser simbolizados adequadamente à consciência ou interceptados e deformados por via de reações às ameaças ao conceito de *self*.

A despeito da origem de tais pressupostos implícitos, estes se sustentam nas experiências pedagógicas das pessoas que aprendem a aderir a valores concebidos, como o do produtivismo acadêmico. Assim, emergem simbolizações ou significações sobre o que seria uma boa educação e atuação acadêmica, que não necessariamente partem da experiência do estudante ou corresponde a ela, gerando intercepções e deformações (Rogers, 1972). Com efeito, pressupostos como “publique para ser reconhecido e valorizado ou pereça no cenário acadêmico” são difundidos na instituição universitária e estão nas mais diversas experiências acadêmicas, como atividades de aula, trabalhos universitários, relações entre discente-docente e discente-instituição e expectativas em relação ao egresso. Ocorre, pois, o estabelecimento de condições de valores relacionados ao produtivismo individualista no Departamento de Psicologia da UFC.

Nesse entendimento, a expressão de tal pressuposto encontra-se em distintos comportamentos de membros da instituição de ensino. Em primeiro momento, destaca-se a experiência com a necessidade de boa performance nas avaliações das disciplinas curriculares, que se sustenta em condições de valor exercidas pela própria pessoa consigo e na suposição de critérios dos docentes. Isso é denotado pelo seguinte trecho: “Provas são ansiogênicas quando sempre se tem a necessidade assim de ser validado pelo professor. Tem aquela vontade de ser validado pelo professor e você sempre tenta ter as melhores respostas, ter uma criticidade legal” (P2: US6).

Notório é que a necessidade de consideração positiva orienta o comportamento estudantil de lograr bons resultados em avaliações. Isso denota que os docentes da instituição



são outros sociais significativos com os quais os estudantes estabelecem atitudes de transferência e cuja avaliação é valorada como importante para a atualização de seu conceito de *self* (Rogers, 1992). Nesse sentido, ressalta-se que o processo avaliativo estabelece, em razão dos seus propósitos educacionais, condições para a atribuição de valor, sendo compreendido, nos aportes de Rogers (1977), como uma expressão de consideração positiva condicional, na qual a aprovação das percepções e experiências dos estudantes acerca de uma temática em avaliação depende de critérios externos ao seu quadro de referência interno. Desse modo, a necessidade de consideração positiva em concomitância com a consideração positiva condicional dos processos avaliativos, estabelece condições de valor dos estudantes acerca de suas percepções e experiências, distorcendo-as ou interceptando-as conforme valores concebidos.

Em complemento, ressalta-se que tais condições de valor advindas dos processos avaliativos educacionais não se limitam à experiência corrente com o Ensino Superior. Isso é perceptível nesses trechos:

[...] justamente, o contexto acadêmico me era muito ansiogênico, porque eu venho de um contexto em que eu sempre me pressionei muito a ser boa. Em tirar boas notas, em ser excelente, digamos assim, academicamente (P2: US4).  
[...] desde antes da UFC, eu já, tipo... não tinha uma boa relação com o Ensino Superior, no sentido de que me deixa muito estressada. Eu tenho a necessidade de ser muito boa e isso é um fator muito ansiogênico (P4: US3).

Com base nisso, compreende-se que as experiências progressas com a educação foram orientadas pela avaliação como procedimento central do aprendizado. Sobre isso, Rogers (1972) atenta para o argumento de que a permanência de processos educacionais assentes na avaliação alheia às experiências do sujeito é capaz também de ser sustentada pelos discentes, conquanto estes exprimam sofrimentos daí procedentes. Nessa direção, para a atualização do valor concebido da boa performance em avaliações, torna-se necessária sua existência e centralidade no processo educacional, fundamentando distorções e interceptações de experiências que contradigam a necessidade de boa performance. Dessa maneira, entende-se que o sentimento de ansiedade vivenciado pelos estudantes transferidos em situações avaliativas se relaciona com a possibilidade de frustração da percepção de si como estudante produtivo e de boa performance.



Além disso, os estudantes transferidos percebem-se coagidos a participar de atividades extracurriculares, qual denota a pessoa 3:

Não só no sentido de avaliações que ocorrem juntas ou então muitas aulas, isso também é óbvio, mas também no sentido de que eu vejo muitos estudantes e já me peguei nessa posição de muitas vezes ter que ter atividades extracurriculares. Tem que estar em tantos núcleos, em tantos laboratórios, tem que fazer extensões, tem que fazer pesquisa, tem que isso e aquilo outro (P3: US2).

Nota-se, no entanto, que tal coação é percebida como exercida sobre si mesmo. De igual modo, isso se relaciona a condições de valor estabelecidas a partir da consideração positiva condicional de outros elementos sociais significativos que geram condições de valia para si, o outro e a instituição. Em específico, nota-se que o próprio estudante se torna o seu outro social significativo, exercendo avaliações de sua experiência por meio de valores concebidos, fundamentando percepções que orientam comportamentos para sua atualização (Rogers, 1977).

Em adição, evidencia-se que a inferência é um fator primordial para a discriminação do sujeito das percepções e valorações do outro sobre suas experiências (Rogers, 1977), possibilitando que o pressuposto implícito da produtividade, embora negado ou criticado, expresse-se por meio de comportamentos não simbolizados à consciência. Com efeito, não obstante a exaustão física e psicológica decorra do engajamento em atividades múltiplas, esse é valorado positivamente por outros sociais significativos e pelo próprio sujeito, estabelecendo uma incongruência que fundamenta sentimentos de ansiedade.

Isso, também, remete a atitudes transferenciais estabelecidas com os membros da instituição de ensino. Em especial, destaca-se a relação interpessoal docente-discente, pois a incongruência entre a experiência, a percepção e o comportamento podem gerar atitudes de transferência (Rogers, 1992). Essas seriam demarcadas pela projeção no docente de experiências distorcidas pelas reações à ameaça do conceito de *self*; em específico, do valor concebido acerca da necessidade de excelência em processos avaliativos. Exemplifica-se isso com o trecho seguinte:

[...] às vezes, com a quantidade de demanda, não é possível fazer tudo e aí a gente fica: 'ah, vou ter que entregar isso dessa forma, meia-boca, não tão bom'. Isso me dá ansiedade, porque a gente sabe que tem alguns professores

que são mais irreduzíveis e incisivos. Mas eu sei que todos os professores, de um modo geral, querem algo bom dos alunos (P2: US6).

Denota-se aqui a percepção generalizada acerca do critério dos professores em relação às atividades realizadas pelos discentes. Desde os aportes de Rogers (1977), tal é compreendido como uma percepção da tensão interna, também chamada rigidez perceptual, cuja característica está na generalização incondicional de uma percepção, sendo uma das reações à ameaça ao conceito de *self*. Nesse viés, essa percepção tensional advém da incongruência entre sentir, pensar e agir, embasando a deformação de experiências por meio da generalização de uma percepção. Dessa forma, estabelece-se uma atitude de transferência de experiências de avaliação incisiva sobre si para um outro social significativo; neste caso, para os docentes no geral.

A ansiedade vivenciada, pois, pelos estudantes transferidos está relacionada com suas experiências com a educação, incluindo a Educação Básica e a vivência na instituição de origem, e com as práticas correntes com a instituição almejada. Com base nisso, as pessoas transferidas orientam seus comportamentos a partir de experiências e percepções anteriores, fomentando comparações entre funcionamentos institucionais, e deparam contradições às percepções de seu conceito de *self* acerca de si, da instituição e de seus membros. Assim, as atitudes de transferência ressaltam um aspecto psicológico advindo do processo de transferência institucional, atinando para a percepção da instituição, com seus pressupostos implícitos, como um outro social significativo, que delimita, por meio de seu funcionamento, condições de valor para a experiência estudantil.

### **Considerações finais**

Este estudo, de cunho qualitativo e descritivo, compreendeu experiências de ansiedade e angústia ocasionadas pela transferência para o curso de Psicologia da UFC. Com procedência no emprego do método fenomenológico empírico, os seguintes eixos que foram discutidos com base no referencial da Psicologia Humanista de Rogers: 1) experiências de tensão e valoração advindas da transferência; 2) relações interpessoais oriundas da transferência; e 3) autocobrança e cultura de produtivismo.

Com base no que foi debatido, conclui-se que os sentimentos de ansiedade e angústia nas pessoas transferidas estão relacionados ao contexto universitário e associados às suas

percepções e experiências acerca da instituição almejada em sua totalidade, indo de seu funcionamento administrativo até às relações interpessoais nela vividas; orientando-se pela comparação com suas experiências pregressas e pelas antecipações de autorrealização em um novo ambiente universitário, além de atitudes transferenciais ao contexto formativo.

Destaca-se que as relações interpessoais são centrais nos relatos das pessoas transferidas e sua compreensão com base nos aportes rogerianos, sobretudo o de cunho mais personalista, é limitada, embora ofereça subsídios para explicar os funcionamentos psicológicos presentes nas experiências visadas. Incentivam-se, portanto, estudos que discutam o fenômeno da ansiedade e angústia na transferência de um curso de Psicologia para outro à luz de referenciais voltados para o campo da Psicologia Educacional e Social. Estes podem possibilitar outras dimensões e elucidações que complementam o estudo ora findado.

## Referências

BRUM, E.; TEIXEIRA, M. Adaptação acadêmica de alunos de psicologia ao ensino superior: Proposta de intervenção e avaliação. **Revista Psicologia & Saberes**, Maceió, v. 9, n. 14, p. 41-58, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.3333/rps.v9i14.1095>. Acesso em: 15 de agosto de 2024.

CAMPOS, C.; BARDAGI, M. A evasão nos cursos de Psicologia no Brasil: Uma Revisão de Literatura. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 40, e212214, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003212214>. Acesso em: 15 de agosto de 2024.

CASTELO BRANCO, P. C. Proposição de uma orientação de planejamento, condução e organização de pesquisa fenomenológica empírica. In: CASTELO BRANCO, P. C. (Org.) **O método fenomenológico empírico: História, organização metodológica e estudos aplicados à formação em Psicologia**. Cachoeirinha: Editora Fi, p. 35-54, 2024. *E-book*. Disponível em: [https://drive.google.com/file/d/11Yfjt2eBNzU067jeG8QNIIVa\\_zaqR4y\\_/view](https://drive.google.com/file/d/11Yfjt2eBNzU067jeG8QNIIVa_zaqR4y_/view). Acesso em: 15 de agosto de 2024.

CASTRO, A.; TEIXEIRA, M. Evasão universitária: Modelos teóricos internacionais e o panorama das pesquisas no Brasil. **Psicologia Argumento**, Curitiba, São Paulo, v. 32, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.7213/psicol.argum.32.s02.AO01>. Acesso em: 15 de agosto de 2024.

GIORGI, A. Sobre o método fenomenológico utilizado como modo de pesquisa qualitativa nas ciências humanas: teoria, prática e avaliação. In: POUPART, J. (Org.) **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, p. 386-409, 2008.

MATTAR, J.; RAMOS, D. **Metodologia de pesquisa em Educação: Abordagens qualitativas, quantitativas e mistas.** São Paulo: Edições 70, 2021.

MINAYO, M. Ética das pesquisas qualitativas segundo suas características. **Revista Pesquisa Qualitativa**, São Paulo, v. 9, n. 22, p. 521-539. Disponível em: <https://doi.org/10.33361/RPQ.2021.v.9.n.22.506>. Acesso em: 15 de agosto de 2024.

PRATES, B.; FEITOSA, E.; MONTEIRO, P.; CASTELO BRANCO, P. C. Considerações sobre a formação do psicólogo no Brasil: Revisão sistemática. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, Londrina, v. 10, n. 2, p. 97-115. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5433/2236-6407.2019v10n2p97>. Acesso em: 15 de agosto de 2024.

ROGERS, C. **Liberdade para aprender.** Belo Horizonte: Interlivros, 1972.

ROGERS, C. Teoria e pesquisa. In: ROGERS, C.; KINGET, M. (Eds.) **Psicoterapia e relações humanas: Teoria e prática da terapia não-diretiva – Volume 1.** Belo Horizonte: Interlivros, 1977.

ROGERS, C. **Terapia centrada no cliente.** São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ROGERS, C. As condições necessárias e suficientes para a mudança terapêutica da personalidade. In: WOOD, J.; DOXSEY, J. R.; ASSUMPÇÃO, L. M.; TASSINARI, M. A.; JAPUR, M.; SERRA, M. A.; WRONA, R.; LOUREIRO, S. R.; CURY, V. E. (Orgs.) **Abordagem Centrada na Pessoa.** São Paulo: Companhia Ilimitada, p. 144-164, 2020.

SANTANA, F.; SOUSA, G.; RIBEIRO, M. Formação generalista: a percepção de egressos de Psicologia. **Fractal: Revista de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 34, e5887, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/1984-0292/2022/v34/5887>. Acesso em: 15 de agosto de 2024.

SOARES, A.; ALVES, P.; JARDIM, M.; MEDEIROS, C. Efeitos de uma intervenção com universitários sobre como lidar com a ansiedade. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, Londrina, v. 14, p. 1-16. Disponível em: <https://doi.org/10.5433/2236-6407.2023.v14.46681>. Acesso em: 15 de agosto de 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. **Site do departamento de psicologia - graduação.** Fortaleza, 2024. Disponível em: <https://psicologia.ufc.br/pt/graduacao/>. Acesso em: 15 de agosto de 2024.